

**A destruição dos fundamentos da religião por Epicuro:
tradução do capítulo VIII da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio
Firmiano Lactância**

 Cristóvão José dos Santos Júnior*

Resumo: Esta é a primeira tradução integral para a língua portuguesa do capítulo VIII da obra *De ira Dei* (*Sobre a ira de Deus*), atribuída ao escritor africano Lactância, que teria vivido entre os séculos III e IV. Assim sendo, nosso autor pertence à Antiguidade Tardia, um período ainda pouco estudado em pesquisas desenvolvidas em nosso idioma. O escrito apresentado possui um conteúdo apologético, buscando defender a doutrina cristã em oposição ao paganismo. Na oitava seção, Lactância questiona a visão epicurista contrária a providência divina. Por fim, o texto de chegada proposto foi desenvolvido a partir da edição crítica estabelecida pela filóloga latinista Christiane Ingremeau (1982).

Palavras-chave: Lactância, Epicuro, Antiguidade Tardia, Filosofia Moral Cristã, Paganismo.

**The destruction of religion's foundations for Epicurus: translation of
chapter VIII of the work *De ira Dei* by Lucius Caecilius Firmianus
Lactantius**

Abstract: This publication is the first full translation of Chapter VIII of *De ira Dei* to Brazilian Portuguese. *De ira Dei's* authorship is ascribed for Lactantius, an African writer whom presumed lived between the 3rd and 4th centuries. Therefore, the author is enrolled as one of Late Antiquity, a period that's a few researches in Portuguese. The text translated in this essay has an apologetic content, which's seeking to support Christian doctrine against paganism. Into the *De Ira Dei's* eighth section, Lactantius questions the Epicurean view opposed divine providence. The critical edition established by the Latinist philologist Christiane Ingremeau (1982) was adopted to translate Lactantius text.

Keywords: Lactantius, Epicurus, Late Antiquity, Christian Moral Philosophy, Paganism.

* Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: cristovao_jsjb@hotmail.com



A De ira Dei de Lactâncio

Um autor ainda pouco conhecido no Brasil, mas que teve notável repercussão na Antiguidade tardia e na Idade Média, foi o escritor norte-africano Lúcio Cecílio (ou Célio) Firmiano Lactâncio. Conforme seus comentadores, pouco se pode afirmar efetivamente sobre sua biografia, não havendo muitas fontes diretas para seu conhecimento. A maior parte dos dados utilizados são recolhidos das obras *De uiris illustribus* e *Chronicon* de Jerônimo de Estridão (final do séc. IV – início do séc. V d.C.). Partindo de tais contribuições, a fortuna crítica considera que Lactâncio teria vivido entre os séculos III e IV d.C., sendo originário da Numídia, uma região situada ao norte do continente africano.

Ainda em vida, nosso autor conquistou certa notoriedade, em razão de sua perspectiva teológica combativa e suas produções de matriz apologética cristã. Assim, Lactâncio manteve contato com figuras notáveis, tendo sido discípulo de Arnóbio de Sica¹ e preceptor de Crispo, filho de Constantino.

Ocorre que mesmo após sua morte, provavelmente no ano de 320 d.C., seus escritos continuaram a reverberar no pensamento de outros escritores tardios, como Santo Agostinho, que foi o maior expoente da patrística, além de compositores medievais, a exemplo de Fulgêncio, o Mitógrafo². Nesse sentido, José Amarante (2018) frisa que Lactâncio foi uma das maiores fontes das *Mitologias* de Fulgêncio.

¹ Pouco se sabe concretamente a respeito de Arnóbio de Sica. A fortuna crítica costuma considerá-lo um fervoroso apologista cristão que teria escrito, como prova de sua conversão tardia, a obra *Aduersus nationes*, em que se verifica uma forte crítica ao paganismo ao longo de seus VII Livros.

² O epíteto Mitógrafo decorre de um problema filológico de transmissão textual entre o lipogramista e seu homônimo de Ruspe, o que foi examinado por Cristóvão Santos Júnior (2019). Em nosso projeto mais amplo de investigação da Antiguidade Tardia, também buscamos traduzir o lipograma de Fulgêncio, intitulado *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*), já tendo sido publicadas as traduções do prólogo, lipogramática e alipogramática, a tradução alipogramática do Livro V (*Ausente E*) e as traduções lipogramáticas do Livro I (*Ausente A*), do Livro II (*Ausente B*), efetuada em um artigo que discute determinados aspectos pós-estruturalistas da proposta tradutória, do Livro III (*Ausente C*), do Livro IV (*Ausente D*), do Livro VI (*Ausente F*), do Livro VII (*Ausente G*), do Livro IX (*Ausente I*), do Livro X (*Ausente K*) e do Livro XII (*Ausente M*), empreendidas por Cristóvão Santos Júnior (2019a; 2019b; 2020; 2020a; 2020b; 2020c; 2020e; 2020f, 2020g, 2020h e 2020i) e por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2020).

O eco de nosso compositor decorre, em grande parte, dos subsídios por ele fornecidos para a sedimentação doutrinária da dogmática católica, que só se consolidaria na Idade Média. Assim, na maior parte de sua produção, é explicitado o enfrentamento do paganismo, a ser suplantado por sua óptica cristã.

Na *De ira Dei (Sobre a ira de Deus)*, subdividida em 24 capítulos, há uma intensa valorização do *adfectus*³ divino, segundo os dizeres de Luca Gasparri (2013), que empreendeu uma rica tradução para o italiano, a qual nos auxiliou para a confecção de nossas notas. O crítico assevera, inclusive, que essa obra teria sido a única composição antiga totalmente destinada à temática da cólera de Deus. Paulo Tigges Júnior (2007), por sua vez, ressalta que um dos aspectos centrais da obra repousaria na ideia de providência, de forma que Deus interviria concretamente na vida humana. Nesse sentido, é possível inserir a presente obra não apenas no cenário de legitimação teológica da cólera divina, como também de violências concretas perpetradas por cristãos contra os pagãos.

Salta aos olhos a profusão de referências a pensadores antigos evidenciada ao longo da obra, com destaque para filósofos, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Leucipo e Epicuro, além de retóricos, como Cícero. Ocorre que Lactâncio, almejando justificar sua visão religiosa, estabelece estreitos diálogos e questionamentos com a tradição pagã, em uma costura de teor apologético. Assim, ao passo que questiona saberes que lhe foram pretéritos, ele também colabora com a permanência desse acervo cultural. Desse modo, a obra traduzida se insere entre duas significativas tradições de pensamento, transitando, em seu conteúdo, por perspectivas antigas e aquelas que ainda se alicerçariam no Medievo cristão.

³ *Adfectus* é um termo muito caro à *De ira Dei*, de modo que sua tradução para o português pode não ser precisa quando do uso de vocábulos como afeto, afeição, emoção ou sentimento. O *Adfectus* divino para Lactâncio abrange sentimentos até mesmo antagônicos, mas que estão diretamente atrelados à noção de justiça teológica, englobando a ira, a bondade e a misericórdia.

Conquanto seja inegável sua relevância, ainda não se verifica, pelo que nos foi dado a conhecer, nenhuma tradução integral da obra em comento⁴. Buscando preencher esse vazio, nosso projeto de pesquisa se volta para a realização da primeira tradução da *De ira Dei* para a língua portuguesa⁵.

Neste momento, oferta-se a tradução do capítulo VIII, em que Lactânncio expõe sua interpretação acerca do pensamento de Epicuro. Assim, nosso autor sinaliza que a perspectiva epicurista aboliria a religião, já que não admitiria a ira divina e a providência, quanto à possibilidade de Deus intervir concretamente na vida humana.

Note-se, finalmente, que se buscou empreender um texto de chegada com uma linguagem relativamente fluida, mas que, ao mesmo tempo, valorizasse a sintaxe e os casos latinos, além de algum grau de sistematização tradutória. Ademais, considerando o caráter teológico de um latim pertencente a um cenário cristão, também foram escolhidas determinadas lexias que aproximassem o leitor desse universo linguístico. Assim, traduzimos *religio* por “religião”, *credamus* por “acreditarmos”, *cultum* por “culto”, *gratiam* por “graça”, *colentis* por “ao que venera”, *obsequio* por “em reverência”, *templa* por “templos”, *sacrificia* por “sacrifícios”, *nihil curanti* por “ao que nada adora”, *dicam* por “suplicarei”, *deus* por “Deus”, *delinquamus* por “delinquiríamos” e *irascitur* por “se ira”. Outra marca estilística lactanciana diz respeito ao uso reiterado de operadores argumentativos, o que também buscamos semear na tradução. A título ilustrativo, *enim* foi empregado oito vezes, sendo traduzido sete vezes por “de fato” e uma vez por “então”.

Texto de partida latino

8, 1. Dissoluitur autem religio, si credamus Epicuro illa dicenti:

⁴ Foram encontrados apenas alguns fragmentos tradutórios destinados a discussões acadêmicas específicas, a exemplo do trabalho de dissertação de mestrado desenvolvido por Paulo Tigges Júnior (2007), que traduziu alguns trechos da *De ira Dei*. Quanto às realizações em línguas estrangeiras, a *De ira Dei* foi traduzida para o eslovaco por Tomáš Bajus (2005); para o italiano por Umberto Boella (1973) e Luca Gasparri (2013); para o alemão por Gerhard Crone (1952); para o francês por Christiane Ingremeau (1982) e para o inglês por Mary Francis McDonald (1965).

⁵ A tradução do capítulo I já foi publicada por Cristóvão Santos Júnior (2020e).

«Omnis enim per se diuum natura necesse est
 immortalis aeterno summa cum pace fruatur
 semota a nostris rebus seiunctaque longe.
 Nam priuata dolore omni, priuata periculis,
 ipsa suis pollens opibus, nil indiga nostri,
 nec bene promeritis capitur nec tangitur ira».

2. Quae cum dicit, utrum aliquem cultum deo putat esse tribuendum an euerit omnem religionem? Si enim deus nihil cuiquam boni tribuit, si colentis obsequio nullam gratiam refert, quid tam uanum, tam stultum quam templa aedificare, sacrificia facere, dona conferre, rem familiarem minuere ut nihil adsequamur? 3. – At enim naturam excellentem honorari oportet. – Quis honor deberi potest nihil curanti et ingrato? An aliqua ratione obstricti esse possumus ei qui nihil habeat commune nobis cum? «Deus, inquit Cicero, si talis est ut nulla gratia, nulla hominum caritate teneatur, ualeat! Quid enim dicam 'propitius sit'? Esse enim propitius potest nemini». 4. Quid contemptius dici potuit in deum? «Valeat», inquit, id est abeat ac recedat, quandoquidem prodesse nulli potest. 5. Quod si negotium deus nec habet nec exhibet, cur ergo non delinquamus, quotiens hominum conscientiam fallere licebit ac leges publicas circumscribere? Vbicumque nobis latendi occasio adriserit, consulamus rei, auferamus aliena uel sine cruore uel etiam cum sanguine, si praeter leges nihil est amplius quod uerendum sit! 6. Haec dum sentit Epicurus, religionem funditus delet; qua sublata, confusio ac perturbatio uitae sequetur.

7. Quod si religio tolli non potest ut et sapientiam, qua distamus a beluis, et iustitiam retineamus, qua communis uita sit tutior, quomodo religio ipsa sine metu teneri aut custodiri potest? Quod enim non metuitur, contemnitur, quod contemnitur, utique non colitur. Ita fit ut religio et maiestas et honor metu constet; metus autem non est ubi nullus irascitur. 8. Siue igitur gratiam deo siue iram siue utrumque detraxeris, religionem tolli necesse est, sine qua uita hominum stultitia scelere inmanitate completur. Multum enim refrenat homines conscientia, si credamus nos in conspectu dei uiuere, si non tantum quae gerimus uideri desuper, sed etiam quae cogitamus aut loquimur audiri a deo putemus.

9. At enim prodest id credere, ut quidam putant, non ueritatis gratia sed utilitatis, quoniam leges conscientizam punire non possunt, nisi aliquis desuper terror inpendeat ad cohibenda peccata. 10. Falsa est igitur omnis religio et diuinitas nulla est, sed a uiris prudentibus uniuersa conficta sunt quo rectius innocentiusque uiuatur. Magna haec et a materia quam proposuimus aliena quaestio est, sed quia necessario incidit, debet quamuis breuiter attingi.

Texto de chegada em língua portuguesa

8, 1. A religião é, contudo, refutada se acreditarmos em Epicuro, quando ele diz estas coisas:

“De fato, é necessário que toda a natureza dos deuses, por sua própria condição,
desfrute da eternidade imortal com uma paz suprema,
distanciada e separada longinquamente dos nossos afazeres.
Na realidade, livre de toda dor, livre do perigo,
poderosa por suas próprias forças, nada dependente de nós,
nem se conquistam pelo bem de boas ações, nem é tocada pela ira”⁶.

2. Quando diz essas coisas, ele julga, talvez, que algum culto deve ser atribuído a Deus ou ele devasta toda a religião? Se, de fato, Deus não dá nada de bom a ninguém, se Ele não concede nenhuma graça ao que o venera em reverência, o que seria mais vão, mais insensato, do que edificar templos, fazer sacrifícios, oferecer presentes, consumir o patrimônio pessoal para não ganhar nada?⁷ 3. Entretanto, é, de fato, necessário que a natureza superior

⁶ A passagem faz referência aos versos 44–49 da obra *De rerum natura* (*Sobre a natureza das coisas*) do poeta e filósofo romano Tito Lucrecio Caro. Senão vejamos: *omnis enim per se diuum natura necessest immortalis aeuo summa cum pace fruatur semota ab nostris rebus seiunctaque longe; nam priuata dolore omni, priuata periculis, ipsa suis pollens opibus, nihil indiga nostri, nec bene promeritis capitur nec tangitur ira*. Leandro de Freitas (2018) empreendeu a seguinte proposta tradutória: Pois é necessário que a natureza do que é divino acima usufrua do tempo imortal com harmonia, separada e colocada longe de nossos assuntos; pois privada de toda dor e privada dos perigos, ela potente por si, e nada carente de nós, não é captada por favores, nem afetada pela ira.

⁷ É notável a existência de um eco dos trechos 122 e 123 da obra *De natura deorum* (*Sobre a natureza dos deuses*) de Marco Túlio Cícero: 122 *Vos autem quid mali datis, cum in imbecillitate gratificationem et benevolentiam ponitis! Ut enim omittam vim et naturam deorum, ne homines quidem censetis, nisi imbecilli essent, futuros beneficos et benignos*

seja honrada. Que honra pode ser devida ao que nada adora e é ingrato? Como podemos estar obrigatoriamente vinculados a quem nada tenha em comum conosco? Responde Cícero que "se Deus é de tal modo desprovido de graça e não tem amor pelos homens, adeus! Então, por que eu lhe suplicarei 'que seja propício', se, de fato, ele não é capaz de ser propício com ninguém?"⁸ 4. O que mais desprezível pôde ser dito contra Deus? "Adeus", ele responde, isto é, que Deus vá embora e se afaste, na medida em que não é capaz de favorecer ninguém. 5. Se Deus não tem nem demonstra compromisso, por que, então, não delinquiríamos toda vez que seja possível enganar a consciência dos homens e contornar as leis públicas? Em todo momento que a oportunidade de nos ocultar tenha sido favorável, aproveitaríamos a ocasião, roubaríamos os demais com ou sem derramamento de sangue, se nada mais além das leis devesse ser respeitado! 6. Enquanto supõe essas coisas, Epicuro destrói a religião desde seus

fuisse? Nulla est caritas naturalis inter bonos? Carum ipsum verbum est amoris, ex quo amicitiae nomen est ductum; quam si ad fructum nostrum referemus, non ad illius commoda, quern diligemus, non erit ista amicitia, sed mercatura quaedam utilitatum suarum. Prata et arva et pecudum greges diliguntur isto modo, quod fructus ex iis capiuntur; hominum caritas et amicitia gratuita est. Quanto igitur magis deorum, qui nulla re egentes et inter se diligunt et hominibus consulunt! Quod ni ita sit, quid veneramur, quid precamur deos? cur sacris pontifices, cur auspiciis augures praesunt? quid optamus a dis immortalibus? quid vovemus? At etiam liber est Epicuri de sanctitate. 123 Ludimur ab homine non tarn faceto quam ad scribendi licentiam libero. Quae enim potest esse sanctitas, si di humana non curant? quae autem animans natura nihil curans? Leandro Vendemiatti (2003) propôs a seguinte tradução: 122 Mas vós, que dano causais quando fazeis consistir a beneficência e a benevolência na fraqueza! De fato, deixando de lado a essência e a natureza dos deuses, não pensais que nem mesmo os homens, a não ser que sejam fracos, haverão de ser beneficentes e foram benignos? Não existe um amor natural entre os bons? A própria palavra 'amor' é estimada, da qual se derivou o nome 'amizade;' e se a referirmos à nossa vantagem e não ao proveito daquele que amamos, não existirá essa amizade, mas um tipo de compra das utilidades dele. As campinas, os campos e os rebanhos de animais são amados dessa maneira, porque deles se obtém proveito, mas o amor e a amizade dos homens são gratuitos; portanto, quanto mais os dos deuses, que, não carecendo de nada, amam-se entre si e cuidam dos homens. Se isso não for assim, por que veneramos e suplicamos aos deuses, por que os pontífices presidem aos atos religiosos e os áugures aos auspícios, por que pedimos benefícios aos deuses imortais e a eles fazemos votos? 'Mas há também um livro de Epicuro a respeito da santidade. 123. Somos divertidos por um homem não tanto engraçado quanto livre no tocante à liberdade de escrever o que quiser. Pois que santidade poderia existir, se os deuses não se ocupam da sorte humana, que natureza animada poderia existir não se ocupando de nada?

⁸ Há uma interferência do trecho 124 da *De natura deorum*. Senão vejamos: 124 *Deinde, si maxime talis est deus, ut nulla gratia, nulla hominum caritate teneatur, valeat; quid enim dicam 'propitius sit'?* Agora vejamos a proposta tradutória de Vendemiatti (2003): 124 depois, se o deus é essencialmente tal que não esteja ligado aos homens por nenhuma ajuda e por nenhum amor, passe bem - por que, por exemplo, eu diria 'seja propício'? Não pode, de fato, ser propício a ninguém, já que, como dizeis, toda ajuda e todo amor se baseiam na fraqueza".

fundamentos, pelo que, abolida, decorrem a confusão e a perturbação da vida.

7. Se, por isso, a religião não pode ser abolida sem que nós conservemos tanto a sabedoria, pela qual nos distanciamos das feras, como da justiça, pela qual é mais segura a vida em sociedade, de que modo a própria religião pode ser mantida ou defendida sem medo? De fato, o que não é temido é desprezado, e o que é desprezado não é, absolutamente, cultuado. Assim, ocorre que a religião, a majestade e a honra se firmam no medo. Contudo, não há medo onde ninguém se ira. 8. Portanto, caso tu tenhas negado a graça, a ira ou ambas a Deus, é necessário que a religião seja abolida, sem a qual a vida dos homens se preenche com estupidez, crime e barbárie. De fato, a consciência freia muito os homens, se nós acreditarmos que vivemos sob o olhar de Deus, se considerarmos que não só as coisas que fazemos são vistas de cima, mas também as que pensamos ou dizemos são ouvidas por Deus.

9. Mas, de fato, é útil acreditar nisso, como alguns pensam, não pela graça da verdade, mas da utilidade, visto que as leis não podem punir a consciência, a não ser que algum terror de cima ameace os pecados a serem coibidos. 10. Portanto, na visão de Epicuro⁹, toda religião é falsa, e a divindade não existe, mas tudo foi inventado por homens prudentes, de modo que se viva de forma mais correta e honesta. Essa é uma grande questão e alheia à matéria que propusemos, mas, já que necessariamente incide, deve ser tratada, ainda que brevemente.

Referências bibliográficas

AMARANTE, J. A explicação fulgenciana para o surgimento dos deuses: um amálgama pagão-cristão? *Revista Hypnos*, São Paulo, v. 41, 2º sem., 2018, pp. 215-236.

BAJUS, T. *Lactantius, De ira Dei*. O hneve božom Alebo o existencii dobra a zla vo svete, preklad, T. F. Bajus. Michalovce, 2005.

⁹ Note-se que a expressão “na visão de Epicuro” consiste em um acréscimo tradutório de finalidade didática.

BOELLA, U. *Institutiones, De opificio Dei, De ira Dei*. Classici della Filosofia cristiana 5. Firenze: Sansoni, 1973.

CRONE, G. *Lactantius; eine Auswahl aus der Epitome, De ira Dei, und De mortibus persecutorum*. Paderborn: Schöningh, 1952.

FREITAS, L. *Análise e tradução do livro I do De rerum natura de Tito Lucrécio Caro*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-15082018-145331/pt-br.php>. Acesso em: 14 nov. 2020.

GASPARRI, L. *Lattanzio: la collera di Dio*. Bompiani: Milão, 2013.

LACTANCE, La Colère de Dieu, introduction, texte critique, traduction, commentaire et index par C. Ingremeau, Paris Éd. du Cerf :, 1982.

LVCRETIVS. *De rerum natura*. Tradução de W. H. D. Rouse. Cambridge : Havard University, 1992. (Loeb Classical Library, n. 181).

MAYOR, J.; SWAINSON, J. *Cicero: De Natura Deorum Libri Tres*. Cambridge University Press: New York, 2009.

MCDONALD, M. *Lactantius: The Minor Works*. The Fathers of the Church 54. Washington: Catholic University of American Press, 1965.

SANTOS JÚNIOR, C. A *De aetatibus mundi et hominis* sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, 16 jul. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/19416. Acesso em: 19 jul. 2020.

_____. Fulgêncio sem a letra 'C' tradução do livro III do lipograma De aetatibus mundi et hominis. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v9.n1.2020.26021>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/26021>. Acesso em: 21 maio 2020.

_____. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *Phaos*, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020b. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>. Acesso em: 13 jun. 2020.

_____. A problemática do prólogo da *De aetatibus* e sua tradução alipogramática. *CODEX*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020c. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>. Acesso em: 18 jul. 2020.

_____. A idade bíblica dos juízes sem a letra 'g': tradução do Livro VII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. *Revista Archai*, Brasília, n. 30, p. e03023, 2020d. DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_30_23. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/1984-249X_30_23. Acesso em: 11 ago. 2020.

_____. Sócrates e a inexistência de sabedoria humana, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio: tradução do capítulo I da obra *De ira Dei. Hypnos*, São Paulo, v. 45, p. 274-280, 2020e. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/626>. Acesso em: 11 out. 2020.

_____. As Pragas do Egito e o Êxodo Hebraico sem a letra 'f': tradução do Livro VI do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. *Revista Belas Infiéis*, v. 9, p. 379-390, 2020f. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/29893>. Acesso em: 01 nov. 2020.

_____. Isaiás, Judite e Zedequias sem a letra 'i': tradução do Livro IX do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* de Fulgêncio, o Mitógrafo. *TRANSLATIO*, v. 19, p. 135-149, 2020g. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/102777>. Acesso em: 01 nov. 2020.

_____. Alexandre, o Grande, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro X do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *SIGNUM* - Revista da ABREM, v. 21, p. 357-368, 2020h. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/487>. Acesso em 03 nov. 2020.

_____. Os irmãos Esaú e Jacó e as irmãs Lia e Raquel, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do livro V da *De aetatibus mundi et hominis*. *Em Tese*, v. 26, p. 259-269, 2020i. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16636>. Acesso em 26 nov. 2020.

_____. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v13i2.6976>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>. Acesso em: 13 abr. 2020.

_____. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. *A Palo Seco*, Itabaiana, n. 12, p. 90-94, 2019b. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *Rónai*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>. Acesso em: 09 jul. 2020.

TIGGES JÚNIOR, P. *História, memória e identidade no século IV d.C.: Lactânncio e a ação da Providência na construção de uma ordem política cristã*. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6321>. Acesso em 06 nov. 2020.

VENDEMIATTI, L. *Sobre a Natureza dos Deuses de Cícero*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269176/1/Vendemiatti_LeandroAbel_M.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.